

Dissertação de Mestrado

**POR UMA “POÉTICA DA AMBIVALÊNCIA”:
LEITURA DA OBRA A
INSUSTENTÁVEL LEVEZA DO SER, DE MILAN KUNDERA**

Autora: Krishna de Almeida e Silva (kjuba@brfree.com.br)

Orientadora: Myriam Corrêa de Araújo Ávila

Programa de Pós-Graduação em Letras da UFMG: Estudos Literários

Área de concentração: Teoria da Literatura

Agência financiadora: CNPq

Data da defesa: 06 de maio de 2008

A dissertação em questão teve como objetivo a análise textual e elucidação dos aspectos narrativos do romance *A insustentável leveza do ser*, de Milan Kundera, por meio do conceito de ambivalência. Para isso tratou da incidência do conceito em alguns autores em Psicanálise e nos Estudos Culturais, em diálogo com os dois campos em sua potencial interseção crítica com a Teoria da Literatura.

Dentre as várias possibilidades de leitura da obra de Kundera, pareceu-me essa aquela que comportaria o que em seu título já fica impresso: o jogo ambivalente. *A insustentável leveza do ser* é um livro enigmático de saída. É labiríntico por se apresentar a nós como uma esfinge. Mas também revela uma narrativa às vezes linear e simples. A um tempo em que versa e apresenta uma Tchecoslováquia comunista opressiva, claustrofóbica, também tem seus contrapesos no trato com suas personagens: no indefensável de suas existências há brilho, leveza, graciosidade. Se o que escapa a esses personagens torna-se um fardo, é em mesma medida o escape sua libertação.

Naturalmente que, ao se propor como prisma da leitura do livro a noção de ambivalência, não se poderia somente tomar a acepção vulgar que o conceito sugere e transpô-la a leitura da obra. Mas, antes, fazer uma pesquisa sobre ele para dar corpo à argumentação. Caberia então um recorte necessário: pelo nascimento sabido do conceito junto à psicanálise, pesquisar o que parte da teoria psicanalítica tinha a dizer sobre a ambivalência. Por outro lado, e em aproximação com o campo dos estudos literários, parte dos Estudos Culturais tomarão por vezes exatamente a palavra “ambivalência” como meio de acesso e leitura dos textos, assim como no sentido de uma crítica cultural.

Portanto, o capítulo I teve como propósito explicitar a incidência do conceito de ambivalência na psicanálise, cunhado em aproximação com essa área pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler. Tanto por sua aproximação com a psicanálise, e sua reapropriação por Freud, temos que o conceito incide em discussões travadas na filosofia em torno da questão da dualidade humana, as quais me pareceram relevantes. Considerei então importante apresentar, antes da incidência do conceito na psicanálise, um percurso filosófico à discussão, tendo como base o livro *Mimesis: desafio ao pensamento*, de Luiz Costa Lima, em diálogo com parte da obra dos filósofos Kant, Schopenhauer e Nietzsche. Costa Lima propõe na sua análise da mimesis a hipótese de que ela se constitui por meio da noção, por ele introduzida, de “sujeito fraturado”. Proponho, usando para isso os três filósofos alemães, a conjectura levantada pelo Prof. Verlaine Freitas, de que principalmente a partir de Kant o que vinha sendo posto em cena no campo filosófico ocidental era menos uma idéia de sujeito fraturado, do que uma espécie de ascensão do desejo frente ao saber e desse embate no sujeito. E daí sim resultava uma espécie de “fratura”.

O capítulo II foi também um recenseamento das incidências do conceito de ambivalência, mas no campo dos Estudos Culturais, e em parte uma tentativa de articulação com a psicanálise. No caso dos Estudos Culturais, sobretudo os autores que tratavam de forma mais explícita desse aspecto ambivalente, tais como Hommi Bhabha, Silviano Santiago, Du Bois, dentre outros, que indicam uma espécie de necessidade de “indecidibilidade” em relação ao trato com o texto. Outro teórico dos estudos culturais que tratei neste capítulo, Alberto Moreiras, teve um pouco mais de espaço na dissertação. Às vezes de difícil leitura, no entanto, apresentou conjecturas que pareceram trazer de volta aos Estudos Culturais traços do “sujeito” psicanalítico, e que traziam à discussão, a relação estética do sujeito com o texto.

Por fim, no capítulo III, tratei especificadamente do romance em questão e, seguindo a proposta inicial, discutindo o caráter ambivalente do texto de Kundera. Assim tentei demonstrar que o romance pode ser visto como concebido – talvez fosse mais apropriada a idéia de que poderia ser lido – por meio de uma “poética da ambivalência”. Isso por três caminhos possíveis. Esses caminhos, de certa forma não-excludentes e intercambiáveis, são recursos um tanto visíveis na narrativa de Kundera. O primeiro é o que chamei de (1) “jogo de duplos”. Nesta parte recorro a dois teóricos da literatura: Pierre Brunel, que propõe que nos escritos de Kundera há uma triangulação entre autor, personagens e estrutura mítica, de forma duplo-especular; e Ricardo Piglia, que sustenta a tese que uma narrativa comporta duas histórias – ou dois níveis de significação: uma visível e convencional, e outra invisível, sendo que esta estaria truncada naquela. Tanto em Piglia com em Brunel a ambivalência aparecia, portanto, nessa duplicidade da composição da história. O outro dos três recursos ou caminhos onde se explicita a relação ambivalente em Kundera é (2) o uso recorrente de

imagens de duplo registro. Se partirmos do título, supondo-o condensar o enfoque do romance, teremos idéia da quantidade de imagens paradoxais, dúbias, as vezes contraditórias na narrativa. O último dos caminhos é (3) o jogo especular entre as personagens e partes, que se combinam numa disposição cíclica. Há, a partir daí, o uso da reapresentação da história por meio de pontos de vistas diferentes, em partes distintas do romance. Poder-se-ia usar as repetições que abundam na obra, mas elas só entraram no corpo do texto. O conjunto dessas repetições, somadas aos três recursos citados, pareceu corroborar o que foi dito, para imprimir, na narrativa, seu aspecto principal ambivalente.